

# A OBRA DE RUY PÓVOAS E AS INTERFACES COM A TRADIÇÃO ORAL

Marialda  
Silveira<sup>1</sup> Jovita

**É** ponto pacífico entre todos os leitores de Ruy Póvoas que a sua obra é reconhecidamente um campo de diálogo com a tradição, e com uma certa tradição no campo da linguagem, a que conhecemos como tradição oral. Entre os que se dedicam às literaturas como campo da crítica ou simplesmente para os que dela fazem fruição, está reconhecida também a idéia de que a obra de Póvoas oferece um flagrante mosaico de africanidade ou de componentes de um imaginário poético e narrativo afro-brasileiro e afro-baiano.

[1] Professora Departamento de Letras e Artes – DLA/UESC, pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – Kàwé. *E-mail*: <marialdasilveira@yahoo.es>.



Foto 64: acervo Marialda Silveira

Tão bem nos falou disso a nossa Margarida Fahel<sup>2</sup>, quando afirma existir na obra de Ruy uma alma nagô, um olhar nagô, um ouvido nagô. E esta alma, este olhar e este ouvido refletem um universo de histórias que falam, como nas palavras do próprio escritor, de “bicho, de gente, de plantas e de animais”<sup>3</sup>. E o texto poético, nessa mesma trilha e em seu mais sofisticado intimismo, oferece e exalta o coloquial e as coisas-de-todo-dia, eivado de referências ao nosso espaço cultural.

O breve cotejo que realizamos da narrativa, do texto poético e da produção ensaística de Póvoas, revela um privilégio pelo universo temático das expressões culturais expurga-

das, marginalizadas, esquecidas e/ ou carimbadas pela suspeição, como são aquelas expressões que se constituem alimentos das classes populares, e aqui não coincidentemente, do povo negro e afrodescendente. Assim, a obra dá lugar e voz a pescadores, vendedoras, lavadeiras, parteiras, quitadeiras, rezadeiras, aguadeiros, pedintes, flanelinhas, cambistas, trombadinhas, verdureiros e carroceiros, e a escravizados. Também aos seres fantásticos que povoaram a infância de muitos de nós e que, infelizmente, foram banidos de nossa “companhia”, como são as assombrações e os lobisomens, a mulher-de-sete metros e os animais e lugares encantados.

A obra de Póvoas é lugar dos conjuros, das orações de Senhor Deus ou dos Santos Ofícios de Nossa Senhora, das evocações poéticas a Exu, o linguista e o tradutor para nós, o povo-de-santo, é lugar também das simpatias, da busca das botijas de ouro, das superstições, das benzeduras, dos remédios santos (como aquele trazido pelas *pílulas de janaúba que curavam dor de cabeça, ventosidade, barriga d'água, arroto choco, moléstia de fora, sangue novo, ponta do ramo, resguardo quebrado de parição*). É tam-

[2] PÓVOAS, Ruy do Carmo. **VersoReverso**. Ilhéus, BA: Editus, 2003.

[3] PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A Fala do Santo**. Ilhéus, BA: Editus, 2002, p. 148.

bém lugar das penitências, dos ebós, dos costumes esquecidos (como tomar a benção ou cantar os ternos de reis e os Bois de Janeiro), dos orixás, dos velhos, e também do feminino.

No campo da linguagem e dos estudos linguísticos, caminho por onde me arvorei a viajar com um maior grau de intimidade, eu diria que o texto de Póvoas, através de seu universo temático, do seu *modus* narrativo, da escolha de recursos gramaticais e textuais, e da constituição e nomenclatura de seus personagens, oferece um *locus* privilegiado para pensar a tradição oral e seus desdobramentos. Mais especificamente, um lugar para refletir sobre o que é constitutivo dessa oralidade que conforma a voz do poeta, do contista e do ensaísta. No meu entendimento, a obra de Póvoas revela simultaneamente, um processo de escrita, um modo de transmissão da memória, uma *episteme* e um modo específico de intervir no mundo. Esse movimento presente na obra me chama a atenção, porque recuperou uma discussão importante no universo da tradição oral que é o debate acerca da *performatização* da palavra.

Quem lê Ruy tem a sensação de que vive a palavra, de que vê a palavra em fotografia verbal, como está flagrado no poema Olhado:<sup>4</sup>

Olha o olho  
Faisca no olho  
Óleo e olho  
usura no olho  
Olhado  
Vidrado  
Usurário  
Invejoso.  
Olha o olho  
Ausência no olho  
Recife e abrolho  
Água no olho  
Olhado  
Molhado  
Sofrido  
Saúdoso

Quem lê Ruy tem a sensação de que da palavra exala cheiro e movimento da “*maresia que corria solta, assanhando as moitas de garu*” lá no Pontal; de que a palavra pode ser bebida em “*chás de três folhas de chuchu, três folhas-de-agonia, três galhos de cidreira com três colheirinhas de mel*”, ou saboreada com abarás e acarajés; de que

através da palavra se toma “*surra de cipó caboclo*”, que a palavra gesticula com Zininho, um dos seus personagens, “*pisando nos tomates, rodando a baiana, soltando a franga, baixando a pomba...*”, ou que a palavra dança com o canto do Boi “*A tripa mais grossa, é do povo da roça. A tripa mais fina é dessas meninas. O peso do coxão, é do Senhor Capitão*”; e que a palavra canta com a aparição do pássaro cavala que dizia “*cavala, cavala! Eu vou cavalar*”; ou que a palavra tem “*ouvido na tocaia*”, ou que ela se confunde com a dor do corpo, quando o menino toma as surras da mãe em um “*xulep, xulep, xulep*”. Ou ainda quando lembramos da voz do poeta que diz:

*Em mim, a espera  
do sonho, já antigo,  
que custa chegar  
No peito esta ânsia  
De coco no ralo  
Puba na prensa,  
Feijão no moinho...  
Mas Deus proverá!*<sup>5</sup>

Todos esses flagrantes revelam a condição performática da

[4] PÓVOAS, Ruy do Carmo. **VersoReverso**. Ilhéus, BA: Editus, 25.

palavra, ou de uma teatralidade da língua na obra de Póvoas. Quer dizer, a palavra escrita realiza coisas e acaba por determinar uma íntima relação com a palavra falada e com os recursos próprios do universo do oral. A palavra anula assim, as dicotomias oral *versus* escrito, estabelecendo uma relação dialógica entre essas duas modalidades enunciativas. Aqui emerge o conceito de *vocalidade* ou de epifania da voz, nos moldes do que nos propõe Paul Zumthor para quem a *Voz* não somente comporta a palavra, mas o sensorial, o visual, o corpóreo e o tátil. A palavra então, se transforma em *falavra*, como quer Gilberto Telles ao dizer do neologismo para referir-se às metamorfoses que são opera-



Foto 65: acervo Marialda Silveira

das na palavra escrita, evocando a sua dimensão oral, de fala, e a sua dimensão escrita, a de ser lavra da linguagem. O neologismo sugere a existência, ao mesmo tempo, de uma técnica, a de lavar e trabalhar a palavra, associada a uma “erótica” do

discurso, isto é à sua “impossibilidade de passar pelo corpo da palavra sem passar pela palavra do corpo”. *Falavra* aqui remeteria também, para aquilo que nós, no campo mais restrito dos estudos linguísticos, denominamos de dimensão pragmática e extralinguística, em que as referências apontam incessantemente para os aforas do texto, os seus co-textos e os seus contextos.

Essa *vocalidade* atravessa toda a obra, e está também, por exemplo, na atitude griótica que assume o narrador e o poeta, o que denota o seu compromisso com as dicções ancestrais,



Foto 66: acervo Marialda Silveira

[5] PÓVOAS, Ruy do Carmo. *VersoReverso*. Op., cit., p. 25.

tornando-se também agente mobilizador da memória coletiva. Esta postura se reflete outra vez na maneira de contar. O escritor conta dos velhos, e ao contar, se inscreve nas tradições africanas, ao preferir narrar por fórmulas não canônicas como “*Contam os mais-velhos...*”. Do ponto de vista sintático, vale observar que narrador/poeta utiliza-se de enunciados curtos, dando preferência aos períodos coordenados. A abundância de adjetivações e a opção pela repetição de referências, longe de ferirem a coerência do texto, reforçam a maneira própria de contar dos *griots* africanos para quem é preciso repetir para lembrar. É preciso repetir para redimensionar a noção temporal.

Também em Póvoas, os nomes atribuídos aos personagens parecem querer dizer das sensorialidades, lembremos por exemplo, de Maria Fon-Fon, Colo do Mingau, Cuspido, Otacílio Tricoline, João Boca-de-Goiaba, Diabo-na-Rua, ou de Arame-Grosso e Birra-Birra. Nota-se ainda a noção de pertença que o uso das preposições nos nomes revela, como em Preta de Geralda, Raimunda de Luzia, Epitácio do Posto, Domingos Cão-do-Mangue.

Aqui abro parêntesis para dizer que também na minha cidade Natal, Buerarema, nós não temos sobrenomes, somos apenas *bonitamente* atribuídos a alguém ou algo. Como Maurina de Delfonso, Arturzinho do Café, Elias de Raimundinho ou Quintino de Caboclo Elias (estes últimos, também professores da UESC).

No que se refere aos gêneros textuais, os textos estão recheados de provérbios, de aforismos e máximas, que reforçam a intertextualidade presente na obra. Por isso, “*mais vale um gosto que cem mil réis*”, “*em terra de sapo, de cócoras com ele*” “*o que é do homem, o bicho não come*”, “*o espinho que tem de espetar desde pequeno traz a ponta*”, “*de nada vale o saber para quem não tem sabedoria*”, ou ainda quando o poeta nos diz:

Quem canta os seus males espanta  
 Então, sentei-me a cantar  
 Cantando coisas à-toa  
 Baladas, hinos e loa  
 Para meus males espantar  
 Quem com porcos se mistura, farelo come  
 Quem diz o que quer, ouve o que não quer  
 Quem espera sempre alcança  
 Quem quer vai; quem não quer manda  
 Quem tem põe, quem não tem, tira

Terminando por concluir que:

*E quem ama  
 e não é amado  
 (desencanto absurdo!)*  
*-Faz papel de besta.  
 Comecei a bestar!...*  
*E bestando pela vida  
 Eu vou  
 sem poder parar.*

Igualmente, os textos trazem frases proverbiais que reforçam o texto no seu estatuto de coloquialidade, como na expressão “*quem és tu araruta, és doce ou fruta?*”, ou quando o poeta nos relembra dos problemas cotidianos expressos no poema Salário:

Antigamente, mamãe dizia:  
 “*Quem trabalha Deus ajuda*”  
 Mas hoje em dia,  
 Todo mundo sabe  
 Quem trabalha, morre de fome  
 nesta carestia  
 O INAMPS come um pedaço,  
 os impostos mais uma fatia  
 o Leão carrega o resto  
 e a gente fica assim  
 de cara pra cima  
 em eterna apatia...”

O amplo inventário de expressões faz da obra de Póvoas um verdadeiro baú de

riquezas, expressões já quase perdidas entre nós, apesar da maravilha semântica que veiculam. É assim que o narrador expressa “*Olhe Ioiô, aranha vive do que tece, mas é Deus e Ogum que deixam a aranha crescer; “nesse mato corre um bicho”, “quando ela estava assim, bem de seu, uma jaca-mole despençou”, “não está aí nem vai chegando”, “deus e o mundo sabiam disso”, “no cabo do gomador” “ela é gente de pá virada”, como era a Tia Adelaide, ou através do uso de verbos como “enxodolar” que entre nós já não ganham a grandeza do que*

representam. Ou do estatuto que dá ao verbo amanhecer em “*Um dia eu amanheço de casaca virada*”. Em outro lugar, o poeta diz que os “*homens dormiam no ponto*” ou, em tom de conversa de porta de rua, ele nos presentearia com expressões do tipo “*foi um disse-me-disse*” “*criatura, só vendo*”, “*com poucas horas*”, esta última expressão lembra minha mãe que ainda hoje me diz “*Marialda, pegou a sombrinha? Leve porque com pouca chove!*”. O poeta e o contista enriquecem ainda o sentido dos advérbios e dos dêiticos quando nos diz “*O*

*cágado tinha lá suas qualidades*” ou “*ele vive lá o seu trancado*”.

**Sua obra é lugar do riso, da coloquialidade, território dos “invisibilizados”, é lugar do silêncio e dos segredos de nós os humanos**



Foto 67: acervo Marialda Silveira

Não posso concluir sem fazer uma referência direta à obra ensaística do autor para dizer que também nela se constata a presença da tradição oral e de suas representações. É nos ensaios acadêmicos, produzidos pelo professor e pelo pesquisador do Kãwé, que a voz do tradicionalista retorna dando lugar, além dos mitos da tradição dos terreiros, ao dizer de Ialorixás como Mãe Mariinha, Malugo Mônaco, Pedrina e Mãe Hilza, ou às teorizações sobre o conto africano. Em sua última produção, o livro sobre a sua ancestral Mejigã, o autor nos oferece a possibilidade de discussão sobre a voz daqueles que, vitimados pela esca-

vidão, não puderam aparecer na história documental. Talvez não seja demais dizer que o conjunto ensaístico das obras de Ruy representa a confluência de seu letramento e da sua formação acadêmica com a própria substância cultural afro-brasileira que lhe alimenta e sustenta a sua habilidade de contar e poetizar.

Eu me sinto autorizada a dizer, por participar de vários espaços seus, que Ruy é assim mesmo, contador de histórias, enunciador de provérbios, fazedor de alquimias. Feiticeiro por excelência.

É que Ruy é dessa gente que faz a gente confundir vida e obra, obra e vida, é dessa gente que falando da sua aldeia,

da sua gente, dos seus santos, e dos seus encantos, dá ao seu contar um sentido de universalidade. Sua obra é lugar do riso, da coloquialidade, território dos “invisibilizados”, é lugar do silêncio e dos segredos de nós os humanos. É por isso que ela se move nas interfaces do oral com o escrito, do factual com o extraordinário, do particular com o coletivo, do periférico com o central, do rural com o urbano, do terreiro com a cidade, da tradição com a criação.

Eu termino por aqui, senão Ruy Póvoas já me gritará: “Marialda, guardemos pão para maio e lenha para abril, já chega.”

Muito obrigada.

